

Apresentação do dossiê Carnaval&Cultura

Prof. Ms. Fernando Estima de Almeida¹

Profa. Dra. Maria Eduarda Araujo Guimarães²

Profa. Ms. Maristela de Souza Goto Sugiyama³

Quando eu li que este ano não pode haver carnaval na rua, fiquei mortalmente triste. É crença minha, que no dia em que deus Momo for de todo exilado deste mundo, o mundo acaba. Rir não é só *le propre de l'homme*, é ainda uma necessidade dele. E só há riso, e grande riso, quando é público, universal, inextinguível, à maneira de deuses de Homero, ao ver o pobre coxo Vulcano.⁴

O carnaval é uma das expressões da cultura brasileira que por muito tempo tem sido uma representação do Brasil. Sua introdução no país, a partir de um modelo europeu, logo seguiu a uma caracterização própria, se transformando em um evento ímpar.

A originalidade do nosso carnaval, em relação aos outros tantos carnavais que acontecem no mundo, está associado à introdução nesse cortejo de foliões de um som, de um ritmo: o samba. O samba e o carnaval criam uma simbiose tal que passam a representar, a partir dos anos 1930, a própria imagem do Brasil.

Na sequência, o surgimento das escolas de samba, também a partir dos anos 1930, transformou os antigos festejos carnavalescos em uma apresentação que envolve hoje múltiplos aspectos: da escolha do enredo à logística de organizar uma

¹ Fernando Estima de Almeida é Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi e professor e pesquisador do Centro Universitário SENAC – fernando.ealmeida@sp.senac.br

² Maria Eduarda Araujo Guimarães é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora do curso de Design de Moda do Centro Universitário SENAC. maria.eaguimaraes@sp.senac.br

³ Maristela de Souza Goto Sugiyama é Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi e professora e pesquisadora do Centro Universitário SENAC – maristela.sgsugiyama@sp.senac.br

⁴ Machado de Assis, Obra Completa, vol. III. Editora Nova Aguilar, crônica publicada em *A semana* em 4 de fevereiro de 1894.

apresentação com cerca de três a quatro mil pessoas, o carnaval não é apenas uma festa, é hoje também um negócio.

Assim como a cultura no Brasil não pode ser apresentada como singular, também é necessário pluralizar o termo carnaval, pois são carnavais o que temos. Essa pluralização não se refere apenas às diferenças de apresentação e, inclusive, de ritmos, que podem ser percebidos em diferentes carnavais regionais, sendo os mais famosos os do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, também há uma pluralização no carnaval a partir de suas interpretações, que é o que esta edição pretende apresentar: diversos olhares sobre a festa carnavalesca.

O carnaval já não pode ser percebido deslocado de sua relação com os negócios, em particular com turismo e a hospitalidade. Os dois primeiros artigos que compõem este dossiê procuram analisar a festa sob esta ótica.

“O carnaval ancestral como contraponto do cotidiano e a sua banalização nas sociedades modernas” é o artigo apresentado por Luiz Octávio de Lima Camargo e Fátima Marita Barbosa, buscando entender como a festa transgressora das sociedades antigas se transformou em uma um negócio em sua versão atual.

O texto de Fernando Estima de Almeida e Maristela de Souza Goto Sugiyama, “Mocidade Alegre: uma experiência no carnaval de São Paulo”, interpreta o carnaval da escola de samba paulista em sua relação com a cidade e seus personagens da hospitalidade.

“A megalópole do samba: uma análise sobre a valoração do samba no eixo Rio-São Paulo”, artigo de Fábio de Oliveira Pavão, procura estabelecer uma análise comparativa entre a importância simbólica e econômica das escolas de samba nas duas maiores metrópoles brasileiras.

A atuação do carnavalesco na construção das imagens que o desfile apresenta é o tema central dos artigos de Cynthia Arantes Ferreira Ludere “Os limites a serem

superados por um carnavalesco na construção de um espetáculo de uma escola de samba” e no artigo de Madson L. G. de Oliveira e Suely M. Gerhardt, “Figurinos para comissão de frente: Sr. Carnaval X D. Quaresma”, no qual processo de produção de figurinos para a comissão de frente, que transpõem o quadro “A luta entre o Carnaval e a Quaresma”, de Pieter Brueghel para a linguagem do carnaval, é analisado.

Na transcrição do seminário “A academia e o samba: encontro de culturas”, temos na mesa 1 a descrição da concepção do desfile de carnaval apresentado pelo carnavalesco Sidney França, da Escola de Samba Mocidade Alegre, e a relação entre a moda e o figurino das escolas de samba comentada pela professora do curso de Design de Moda do Centro Universitário Senac, Juliana Machado de Queiroz. Na mesa 2, temos a discussão sobre o carnaval de São Paulo realizadas pela pesquisadora Maria Aparecida Urbano e por Olga Rodrigues de Moraes Von Simpson, professora da Faculdade de Educação da UNICAMP e também a apresentação de João Kulcsar, professor de fotografia do Centro Universitário Senac acerca das imagens produzidas sobre o carnaval e o debate que se segue a essas apresentações relacionando a mídia às transformações ocorridas na apresentação das escolas de samba.

Na seção “Memória da moda” é apresentado ao leitor a trajetória de Dyrrson Cattani, criador de moda, figurinista e carnavalesco porto alegreense.

Outubro de 2012.